

# RUMO

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

EDITOR:  
ARG. JERÓNIMO REIS  
ADMINISTRADOR:  
JOAQUIM DO SOUTO

REDACTORES:  
ANTÓNIO GAIO  
CARLOS P. MORAIS

DIRECTOR  
*Higino Augusto Pires*

PROPRIEDADE  
DA  
A. A. E.  
(SECÇÃO CULTURAL)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
(Provisória)  
RUA 20-361—ESPINHO

## Primeira Fila

### Pedras tôscas para a construção duma choupana humilde

A certeza absoluta da origem e do destino humano ninguém a possuiu nunca, através de todos os tempos. Podemos conceber como Verdade uma ideia, aceitar essa ideia, amá-la, acarinhá-la, mas não podemos impô-la aos que pensam em sentido contrário.

Quem estará na Verdade?

A certeza absoluta, portanto, só pode existir para aqueles que se contentam com a aceitação pura e simples dum mito, por mais grosseira e tosca que seja a sua revelação, a sua contextura e a sua finalidade religiosa.

E é por isso que os espíritos verdadeiramente superiores não se libertaram nunca das algemas da dúvida — bruma eterna que nenhum sol desfaz ainda.

\*

Quando se vai de lóngada pelos caminhos áridos do nosso anseio espiritual, e se procura água de fonte que apague a nossa sede de caminheiros, quase sempre acontece saber-nos a lódo a água que encontramos.

E' que está para nascer ainda a água da fonte sublime de que hão-de ser feitas as cachoeiras da Verdade — da certeza absoluta!

\*

A escada de Jacob podia e devia ser um rumo ascensional para Deus. Faltou-lhe, para ser esse rumo divino e definitivo, a benevolência do próprio Deus, que lhe deu apoio na terra, mas que lho negou no céu.

E a certeza absoluta continuou a não se revelar aos anseios humanos dos povos chamados eleitos do Senhor!...

\*

A'quele que te disser ter encontrado o seu caminho da verdade, não procures dissuadi-lo. Se ele insistir, porém, em te levar com ele, mostra-lhe também o teu caminho, se tens a certeza de o teres encontrado em sentido absolutamente oposto.

Quem sabe se esses dois caminhos, que em nada se assem-

Continua na pág. 2

## EDITORIAL

# FINALMENTE!...

Há poucos dias ainda a opinião geral dos nossos conterrâneos foi dura e súbitamente agitada por uma injusta e ridícula pseudo-reportagem orientada no sentido de apresentar a Espinho e ao País os verdadeiros "Homens de Espinho". E dizemos duramente porque a citada reportagem, além de magoar a consciência colectiva dos espinhenses, ofendeu a hierarquia social das funções dos entronizados e desprezou a memória dos verdadeiros artífices do progresso de Espinho, aos quais se deve, inegavelmente a situação progressiva da nossa Terra.

Não é porém a história sombria e turva do acontecimento que mais nos interessa nesta coluna. O que desejamos acentuar, aqui, é o facto de que a poderosa, mas adormecida força de opinião da grei espinhense deveria, como agora, usar, para os casos de importância vital para Espinho, da mesma unanimidade de vistas e reacções públicas. Nestas colunas se tem procurado agitar problemas tendentes a levantar a voz pública, precisamente por conhecermos quanto pesa a opinião dos espinhenses que, pelo seu nível, está colocada entre as mais valiosas forças-vivas locais. Acontece, além do mais, que se a opinião pública fosse menos avara na sua exteriorização, seria bem melhor conhecida a posição falsa de certos "deuses" locais, e, a um tempo, melhor apreciado o valimento dos que, através dos tempos, têm prestado a Espinho vários e valiosos serviços. Como elemento subsidiário, não será descabido lembrar que o conhecimento dessa opinião evitaria não só os desmandos dos próprios espinhenses, como também tornaria menos frequente as "descidas ao povoado" de aventureiros pouco escrupulosos. Esse constante estado de alerta da opinião pública soaria como um aviso pode-

Continua na pág. 3

## Educação e Ensino

# O valor educativo da Matemática

— Os interesses do ensino implicam que quem estuda possa saber o que vai aprender, como e para que fim.

Eis uma das razões porque se torna necessário vulgarizar os verdadeiros objectivos da educação e dentro desta, da educação matemática.

Afinal o que se pretende atingir com a educação do indivíduo?

— Fundamentalmente, o melhoramento social pelo aperfeiçoamento de cada membro do grupo — ou se quizermos — um melhor ajustamento do indivi-

duo à sociedade de que faz parte.

Claro que a educação apresentará sempre uma feição individual e outra social, interdependentes e em última análise nunca incompatíveis.

Podemos apontar como primários os seguintes objectivos educativos:

Para o indivíduo: — criação de eficiência e de capacidade de apreciação, obtenção de instrução e formação de carácter.

Socialmente: saúde física do grupo; cultura mental do grupo;

Continua na pág. 9

## ESPINHO

### e a Defesa... da "VOGA"

Pois, pois, pois. Tem S. Ex.<sup>a</sup> muita razão. "Que mal veio ao Mundo ou a Espinho pelo acontecido?". Morreu alguém? Foi destruída a praia? A Terra parou? A Justiça... Sim. A Justiça foi arranhada, espezinhada, repelida. Aquilo não foi lá muito moral. Mas... que diabo! A Justiça é dama por quem ainda se combata? Não estamos na Idade-Média, época da Cavalaria. A Moral é género de primeira necessidade? Todos nós sabemos que a Moral é coisa relativa... às necessidades do estômago. Ora! Ora! Que sensíveis e botas de elástico e bizantinos nos saíram os escandalizados espinhenses! E' caso para lhes retorquir: — O espírito, a Justiça, a Moral, o Direito, são coisas secundárias, ninharias, circunstâncias, transitoriedades! O que importa é o corpo. Esse é que merece cuidados especiais, mai-los edifícios, mai-los "Palácio-Hoteis", mai-los dinheiros auferidos no jornalismo-comércio. O resto...: comentários apaixonados, exageros, velharias espiritualistas, verdores juvenis, pequenezes de mínima importância. Já lá dizia uma figura junqueiraiana, da nossa linhagem como o Conselheiro Acácio e como os volframistas: "Que é a vida? Comer. E a morte? Ser comido" Pois, pois, pois. Apetece comentar como aquele desmiolado Fernando Pessoa: «A Verdade manda Deus que se diga. Mas ouviu alguém isso a Deus?» Ouviu? Ouviu? Não ouviu, pois não? Portanto... Calemos a Verdade, escondamo-la bem escondidinha. E' uma importuna, uma bisbilhoteira, uma reacçãoária. Deformemos as realidades, lisonjeemos os grandes, canonizemos os magnates, vendamos as informações e os elogios, agigantemos uns factos e omitamos outros, viremos a Verdade do avesso. E que nem um protesto se levante contra o nosso procedimento. Frutifique pelo mundo além o nosso exemplo, Jornais, livros, revistas, ho-

Continua na pág. 5



# UM AMIGO DOS DIABOS

## UM POUCO DE BOM HUMOR

### Coisas do Futebol

Os espinhenses não deram pela presença de um "amigo dos diabos" que durante alguns dias da transacta época balnear vagueou pelas ruas da *Praia da Sorte e do Bom Clima*; se instalou regaladamente no Palácio Hotel, obra grandiosa que só a vontade e o esforço de Armando Crespo conseguiu levar a cabo; tomou café e bagaceira no Bar-Lido, o mais próximo da praia e de características invulgares; frequentou assiduamente a sala de jogos do Grande Casino, o mais luxuoso da Península, os salões onde se respira um ambiente que nos transporta aos lugares mais célebres da Europa, cuja escadaria nos sugere irresistivelmente um palácio de nobres e em cujo interior fossemos entrando pé-ante-pé; privou de perto com alguém que lhe NÃO contou a verdadeira história de Espinho desde os recuados tempos da criação do Concelho, NÃO lhe narrando por isso os factos mais importantes que decorreram nesse meio século de vida municipal, NEM lhe falou portanto dos HOMENS BONS (mortos ou vivos) que lutaram carinhosa e desinteressadamente pelo engrandecimento desta humilde terra de pescadores que era então, até ser o que é hoje, etc., etc....

...mas deram fé de que esse "amigo dos diabos", em letra de fôrma, na VOGA, n.º 56 do ano de 1948, veio declarar que

*Espinho, sem Armando Crespo, não passaria de uma modestíssima praia de clima admirável; que em Espinho nada se faz, nada se organisa, sem que Armando Crespo seja ouvido; que Armando Crespo ocupa também o primeiro lugar no campo da benemerência; que Armando Crespo contribuiu para que os presos da Cadeia da Comarca da Feira tenham com abundância uma refeição digna da Noite de Natal, tão festiva e cristã; que a santa bolsa de Armando Crespo socorre a pobreza envergonhada; que Armando Crespo é uma figura querida a quem Espinho muito estima; e que se Armando Crespo não existisse, o desenvolvimento da terra (onde exerce a exploração da Roleta e da Banca Francesa) seria lento e talvez nunca chegasse ao que chegou.*

E mais declarou o «amigo dos diabos» que o encasacado Mário Borges é bem um espírito dinâmico que alia à sua vontade uma direcção difícil de igualar. E cita um rol de coisas do mesmo quilate de que o próprio Mário Borges (se tem uma pequena noção das proporções) deve estar mais corado do que os camarões cozidos do seu companheiro Alberto Maia.

Como não podia deixar de ser, porque isso é próprio dos «amigos dos diabos», o plumitivo da VOGA termina com esta girândola oferecida ao seu colega e amigo Benjamim da Costa Dias,

Escreveu alguém, um dia, que "o futebol é a atracção máxima das multidões. Espectáculo único que subjuga e emociona".

Pode ser que assim seja. Na realidade há indivíduos que levam o seu entusiasmo pelo futebol, a um ponto tal, que até a cabeça perdem.

Eu não!... O mais que consigo perder são 7\$50... E' talvez por isso, que esse mesmo alguém também já tratou o popular desporto de "perdição das massas".

Na Inglaterra, por exemplo, o futebol tomou tal incremento que chega a constituir uma religião. Não admira portanto que em Portugal, dentro de algum tempo, aconteça o mesmo, e assim, enquanto metade dos fiéis se dirija ao templo para venerar o Espírito Santo, a outra metade prefira adorá-lo no estádio onde actue o popular "tinto" do Benfica. Haverá quem, no Natal, pela manhã, entoe cânticos ao Menino Jesus e pela tarde berre, mas é pelo Jesus... Correia.

E tanto mais isto é certo, se nos lembrarmos ainda que a vigiar todos estes "santos", lá do alto, está o "Santíssimo" Sacramento Monteiro.

O certo é que o futebol é assim mesmo. Actua no próprio elemento psíquico do espectador, coagindo-o a aceitar o espírito colectivo dos que o rodeiam; berre quando os outros berram; cala-se quando eles se calam também e inclusivamente até se vai emboira quando os outros também vão.

E' momento único, a entrada dos atletas no estádio, e, caso raro de que ninguém se lembrou ainda — os jogadores vão para o estádio, mas as massas vão para o Estado.

— Impostos a mais... dirão, mas eu penso que se trata, mas é, de um i a menos.

\* \*

Em Portugal, o futebol é praticado de há longa data, desde o histórico tempo das "balizas às costas" — (como os jogadores deviam chegar cansados ao fim do desafio!!!)

Simplemente nesse tempo, o

director da Defesa de Espinho: A Câmara Municipal de Espinho tem por obrigação de crear uma medalha especial com a qual recompense os que tanto propagam e trabalham por Espinho, simples dádiva perante tão grandiosos serviços que muitos têm feito e que outros estão a prestar.

Valerá a pena dizer ao «amigo dos diabos» que os espinhenses se estão marimbando para o que ele escreveu, em louvor e homenagem, da figura prestigiosa do concessionário da Zona de Jogo de Espinho?

Valerá a pena dizer ao «amigo dos diabos» que os próprios amigos do homem que pagou o

futebol praticado era rudimentar e rude, no qual os elementos jogavam apenas o que o seu próprio valor individual lhes permitia. Nesse tempo, disputava-se então o Campeonato da Liga, e como mais tarde, os grupos passaram a ter mais visão de conjunto e o jogo praticado reflectia uma tática de combinação entre todos, a Federação entendeu que seria perigoso passar assim tão depressa da Liga para a combinação, e suprimiu aquela. Modernamente surgiu a concepção WM, que consiste no facto de um jogador antes de entrar em campo, já saber quais são as canelas que tem à sua conta.

No seu "tratado de futebol por correspondência" Sir Herbert Chá P. Man, preconiza para breve, a tática em FG, com os dois guarda-redes a atacar e os restantes 10 jogadores a defender as balizas.

Para acautelar os interesses físicos dos jogadores criaram-se as penalidades.

O castigo máximo em futebol é o penalty, mas a esse respeito nada posso acrescentar pois o último pen... alty que conheço é o snr. Elísio Baptista.

Outra das penalidades impostas neste jogo é o canto e embora vários jogadores se tenham especializado na sua execução, concerteza que nesse aspecto ninguém leva a palma ao snr. Tomaz Alcaide. O canto é também conhecido por "corner" e sob esta faceta, conheço-lhe muitos mais especialistas, infelizmente...

E agora, antes de finalizar, seria interessante sugerir, como era possível derimir as questões internacionais por meio dum desafio de futebol.

Teríamos, por exemplo, dum lado o Bloco Ocidental Atlético Clube e do outro, o Sport Lisboa e União Oriental, e até certo ponto, nada seria mais emocionante do que o duelo entre o Peyroteo do Bloco Ocidental e o Peyronosso do União Oriental...

Isto, no caso da Rússia não se encontrar, como hoje, completamente "off-side"...

Vitt Hússu

«sermão», se são pessoas dignas, se devem sentir espantados com tanta miséria moral?

Valerá a pena dizer ao «amigo dos diabos» que peça a Deus um pouco mais de senso para não repetir em futuros panegíricos, as baboseiras que a VOGA, revista portuguesa para todos, UNICA NO GENERO, (segundo se lê no respectivo cabeçalho) publicou no seu número de Junho de 1948?

Supomos bem que não, mas se fôr preciso... pode ter a certeza o «amigo dos diabos» que voltaremos ao assunto para lhe demonstrar que tudo quanto disse é exagerado ou... falso.

M. V.

# PRIMEIRA FILA

Continuado da pág. 1

lham e que vão por veredas diferentes, não serão, ao cabo, aqueles caminhos que se encontrarão um dia no verdadeiro rumo dum certeza inicial, por onde os espiritos sigam mais seguros e mais esperançados na glória de atingir a certeza absoluta?

Não se anda facilmente pelos caminhos da perfeição humana. Só depois de um largo treino nas rotas do amor, do sacrifício, da abnegação, da solidariedade, da ternura e do carinho pelo nosso semelhante, seria possível andar por tais caminhos, os únicos que vão dar ao palácio encantado da certeza absoluta e da verdade!

Mas quem é que, sem uma fraqueza, sem uma hesitação, mete pés à jornada admirável? Ninguém, Senhor! Ninguém!...

Pedro Manoel

## Bonecada Animada

Continuado da pág. 1

**Sempre em teus Braços** — Betty Grable mais artista e mais bailarina com um novo actor-bailarino, Don Dailey, e um bom número de ventriloquia.

**A' Beira do Abismo** — com a parceria Laureen Bacall-Humphrey Bogart tem um tema policial que prende muito a atenção.

**Orquídea Brava** — bom trabalho de Barbara Stanwyck. Um filme que devia trazer o rótulo de «Impróprio para pessoas doentes». Tema doentio e mórbido, realista em demasia.

**Inconquistáveis** — Espectáculo de emoções fortes, daqueles que só B. de Mille nos consegue dar. Bom, mas muito fictício.

**O Solteirão e a Pequena** — Argumento originalíssimo e exposto com muita graça. A melhor comédia de Cary Grant.

Manuel José

Leia no próximo número  
"PARIS, CAPITAL DA EUROPA"

Artigo de LUÍS BAPTISTA

# ANGOLA

Continuado da pág. 4

sautorizada opinião, é um segundo Brasil!

Isto pôsto à guisa de sinfonia de abertura, falarei nos meus futuros artigos sobre aquilo que está ainda bem vivo no meu pensamento. E gostosamente o farei, uma vez que sou como todos aqueles que já por lá andaram e a quem o «feitiço de África» tocou! Compreender-me-ão completamente todos aqueles que, como eu, se perderam uma noite no deserto silencioso, com a lua muito grande subindo apressada, dominando estrelas, e ouvindo, ali, atrás daquelas penedias onde a onça espreita, o tan-tan arrepiante, cadenciado, melancólico, dum batuque de amor!

A. O.



31-10-48



## Sinfonia Incompleta

Para além do seu aspecto grosseiro, dum rosto vulgar e inexpressivo que segurava grossas lentes a iludirem a miopia e possuía uma cabeleira crespa e maltratada, havia uma alma simples e delicada, terna e melancólica. Atrás dum corpo que fazia adivinhar o tipo de materialista, agarrado às coisas da terra, espírito rasteiro e alma abafada pelo estomago, escondia-se um sentimental, um senhor de reinos que só existem para lá das núvens, perto das estrêlas. Ele era um sonhador com o raro dom de poder contar os seus sonhos e comunicar os seus anseios, a sua tristeza, a sua ternura melancólica. A melodia nascera com ele e brotava límpida e espontânea sempre que a chamavam, sempre que a melancolia era mais triste e a alma sofria. E como o mundo não o compreendia, não sabia ver para lá da figura, a melodia estava sempre presente.

Quiz mostrar aos outros o verdadeiro Franz Schubert, escrevendo as suas mágoas, cantando a sua dor, criando doces e ternas canções, repassadas de tristeza. Mas, à sua volta só havia incompreensão e silêncio.

Do desânimo, do desespero nascera a revolta. Que fossem para o diabo, com as convenções idiotas, iria viver a seu gosto, livre de obrigações, de conceitos. Procuraria no vinho, nas mulheres, na estroinice, a alegria de viver. Gritaria ao mundo com as «Schubertiadas», o seu desprezo, a sua superioridade.

Julgou encontrar nessa vida de orgia um refúgio para a dor. Passou a viver a maior parte do tempo nas tabernas, buscando, no vinho, alento para esmaçar o sofrimento, para esquecer a melodia. Por momentos, liberto da timidez, entregue ao delírio da vingança destruiu tudo que estivesse ao seu alcance. Depois, cansado, o cérebro livre do álcool, sentia-se acabrunhado, mais viva a dor. Não podia fugir, era escravo da melodia. Foi num desses momentos de derrota, que escreveu a mais bela das canções, a sua Serenata. Uma serenata onde o amor cede à melancolia, um apelo triste — Deixai correr na noite o meu canto, as minhas mágoas.

Longe de encontrar felicidade na vida desordenada que levava, viu aumentado o sofrimento. Terrível doença minava-lhe o corpo, destruía energias. Desiludido, sentindo-se cada vez mais fraco, prevendo a proximidade do fim, Schubert resolve criar uma grande obra, uma Sinfonia, que pudesse mostrar aos outros o seu génio e lhes fizesse sentir remorsos por não o terem compreendido. Nessa obra poria toda a delicadeza de sua alma. A ter-

TALVEZ SEJA VERDADE QUE!!!



Há certo receio entre os espinhenses pela resolução que será tomada acerca dos nomes a pôr nas ruas de Espinho. Importa que sejam escolhidos os autênticos benfeitores da vila ou os grandes da comunidade nacional. A não ser que se prefira consultar e atender a "Voga" de Junho...

Há gente muito interessada em conhecer quem é o erudito autor da secção "Folhinha...", mimo o brinde semanal da "Defesa"...

Além do famigerado "caso" da criada de quarto, chamou a atenção dos "grandes jornalistas" o "caso" da revista "Voga". Prometem-se mais "casos" para breve. Ou a gente não lesse romances policiais...

O novo treinador das equipas de oquei em patins da Académica é o sr. Armando Veloso, ex-treinador da selecção nortenha e do Académico F. C...

O produtor do programa desportivo da O. R. S. E. C., transmitido aos domingos, seja o nosso colaborador Gino Sérpi...

O jogador de volei, Miguel Rocha, será irradiado por não ter defendido as cores do seu clube, nos jogos de passagem...

A nossa melhor "raquete" que ameaçava eternizar-se, empalideceu com a vitória do Silvío. Porém, na compostura e simpatia o nosso Dr. Constante continuará a ser um "padrão" de projecção ilimitada.

nura, o amor, a paixão, estariam presentes na grande Sinfonia. Lançado com ardor ao trabalho, via, orgulhoso, aumentar a sua obra-prima. Mas não quiseram que ele a acabasse. A doença, a vontade fraca, não permitiam grandes voos, não deixaram acabar a obra que queria oferecer àquele que tanto admirava, a Beethoven. No entanto, apesar de incompleta, Schubert ofereceu ao Mestre a sua sinfonia. Beethoven, entregue às suas meditações filosóficas e à sua grandiosa música, não deu conta da oferta. Só mais tarde, momentos antes da sua morte, vê a sinfonia e afirma: «Neste Schubert há, verdadeiramente, uma centelha divina».

Assim, a Sinfonia Incompleta, era a promessa duma grandiosa obra, duma música que poderia dominar o mundo.

Mas, o corpo destroçado de Franz Schubert, não resistiu a uma febre tifoide, e, em 1828, findava com 31 anos, a vida que não passara duma promessa.

Aquela alma terna e melancólica, feita de melodia, caiu a meio do caminho. O seu amor, a sua paixão, não foram além duma sinfonia incompleta...

Nuno Rangel

Afim de agradecer ao Sr. Presidente do Conselho a Sua visita a Espinho bem como o interesse demonstrado por esta estância de turismo, vai a Lisboa um representante da Câmara entregar a Sua Excelência um album de todas as fotografias tiradas durante a sua visita...

Na esplanada vai ser colocado um busto do Sr. Ministro das Obras Públicas — Eng.º José Ulrich — como gratidão pelo carinho e assistência prestados a Espinho...

As festas comemorativas do 50.º Aniversário da fundação do Concelho de Espinho vão ser efectuadas — no próximo ano — em Agosto, no dia 17, visto ter sido neste dia e mês do ano 1899 que o Concelho foi criado por Carta de Lei de Sua Magestade El-Rei D. Carlos I...

Por esse motivo, e para futuro, o feriado Municipal passará a ser nessa data (17 de Agosto e não 21 de Setembro)...

Contra a má vontade de alguns "bairristas" a linha do caminho de ferro vai ser mudada para o local escolhido há muitos anos...

Afim de assistir à tão anunciada 2.ª sessão de fados do arraial realizado na Piscina Solário no passado dia 29 de Setembro se encontra no areal da mesma "acampada" uma família...

O cronista da "Defesa de Espinho" armando-se em defensor officioso do redactor da Voga não fez mais do que vogar em águas turvas...

Inscrevendo-se como sócio da ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS DE ESPINHO, cuida do seu futuro e colabora no engrandecimento da mais antiga colectividade do concelho

## Peço a Palavra...

Eu hoje estou triste, amigos! Triste como as tristes tardes de nevoeiro em Londres. Estou desolado, também. Desolação como as desoladas e infundáveis areias do Saará.

E isto porque adivinho que, a passos lentos mas seguros, se aproxima a liquidação fatal deste vosso criado.

Já estou a vêr quem embandeire em arco e lance vinte e um foguetes, daqueles de estalo.

O Kim, amigos, está literalmente reduzido à humilde condição de cadáver!

Por coincidência feliz, a coisa é histórica. A coisa e a causa note-se!

Antevejo os estudiosos a rebuscar, nos artigos os documentos seculares que possam justificar a minha pulverização; Sinto-me herói pois o dedo acusador dos eruditos aponta solenemente para o mestre de Platão, para Nero, para as hecatombes de 14 e 39!

Estou morto, amigos!

\*

Sim, estou morto! Mas, que mal veio ao mundo pelo acontecido?

\*

Amigos, a minha voz é a dum espectro — cava e fúnebre — pois que vos falo da terra de Ninguém! Escutai: — se um homem que mata é repugnante, o cobarde é ascoroso; se o ladrão se castiga, o hipócrita despreza-se. São coisas da Vida, tão banais, tão dia a dia que nunca se faz reparo nisso.

Agora se um homem é lacaio e, além de lacaio é grotesco e ridículo, à mistura com uma ponta de maldade e de cinismo, então, brilha no horizonte o clássico e desejado marmeleiro de que tanto e tão justo uso se fazia, no tempo dos nossos avós.

\*

Isto vai mal, amigos! Mas, se assim é, algo há a fazer, que não chorar: rir, rir, a rodos. Haja em vista que um Fanal nos ilumina!

Kim

## FINALMENTE!

Continuado da pág. 1

roso, que, se não evitasse, de todo, o aparecimento de pessoas, actos ou palavras prejudiciais a Espinho, teria, pelo menos, a faculdade de filtrar cuidadosamente as situações, obrigando a especial cuidado nos actos e palavras por parte dos adventícios.

Quando anteriormente afirmamos neste mesmo lugar que os espinhenses nos tinham dado a Prova dos 9, com o silêncio tecido à volta de um magno assunto de interesse local, estávamos bem longe de pensar que tão rapidamente os factos não só nos atribuissem razão, como também que nos esquecessemos da Prova Real.

Deste modo, se por um lado deploramos o facto que motivou o aparecimento duma voz que supunhamos extinta, por outro e tendo em vista que o ridículo tornou inofensiva a divinização pretendida, ficamos plenamente satisfeitos unicamente pela circunstância de vermos Finalmente a unanimidade da Opinião Espinhense, que, como é evidente, pesa como chumbo.





## Habilidades...

O título de um livro, de uma peça teatral, de um filme, deve ser escolhido de modo a que nele se espelhe a obra, de certa maneira. Deve, pois, na medida do possível, representar em síntese o motivo principal ou a ideia básica e por isso o baptismo de uma obra é feito com certo cuidado e até certa originalidade. Quando nos mencionam um filme pelo seu título este deve ter sido escolhido de modo a que logo nos recordemos do que tratava a fita.

Assim sucede. Porém, o que acontece quando chegam ao nosso país as latas com o celuloide dentro? O distribuidor, que, a maior parte das vezes, não vê no título atractivo nenhum, vai de «traduzir» dum modo assás livre e original, procurando sugerir só com o título o pacato espectador que passeia os olhos pelo reclamo do filme. E assim, passam a adulterar os títulos originais, que deviam estar sempre quietos, salvo, é claro, raras excepções. Seria supérfluo exemplificar, porque todos os que procuram ver o título original já repararam nas muitas barbaridades que surgem. Mas já agora e para exemplo, recordemos o título que se deu ao filme «*Roxie Hart*» no qual Ginger Rogers desempenhava o papel daquela aventureira. Como a película se exibisse na altura em que a música «*O Tiro-Liro*» andava muito em voga, aproveitaram a deixa e o filme apareceu como: «*E' bonita, apresenta-se bem*». Este foi o cúmulo da «pireza» e do mau gosto.

E, aqui é que bate o ponto: enquanto o nosso público continuar a ir ao cinema levado apenas pela maior ou menor sugestividade do título e não, por exemplo, pela maior ou menor confiança no realizador—que, quantas vezes representam, por si só uma boa garantia!—os pouco escrupulosos distribuidores continuarão a sua série de «traduções» condenáveis.

E... cuidado, amigo leitor: aquele filme que vem aí nesta época chamado «*Quando os Sinos Dobram*» nada tem que ver com o célebre «*Por quem os Sinos Dobram*» extraído da obra de Hemingway! Foi apenas uma fantasia habilidosa do snr. distribuidor.

\* \* \*

A partir deste número vamos passar a mencionar os filmes que mereçam, por qualquer motivo, uma chamada especial. Eis a primeira série:

**Viver em Paz**—do melhor que o cinema italiano nos tem dado, com uma extraordinária interpretação de Aldo Fabrizi.

Continua na pág. 2



## ASPECTO DA ULTIMA TEMPORADA EM ESPINHO

### Cada vez pior...

Parafraseando o distinto plúmítico que assina «Kim» na crónica social deste mesmo «Rumo», poderemos dizer do mesmo modo que: isto vai mal amigos, mas mesmo muito mal. Acrescentaremos mesmo: *isto vai de mal a pior*, o que nos leva até certo ponto a acreditar na calcificação cerebral progressiva de que estão sendo vítimas os indivíduos que se propuseram organizar e explorar o «negócio dos toiros» em Espinho.

Hoje, vamos tentar analisar com a brevidade que nos é imposta por diversas circunstâncias, a temporada taurina de 1948.

Como acima já deixamos antever, o resultado foi desolador, e podemos mesmo classificá-la de «a pior de quantas houve», desde que possuímos na nossa terra uma sumptuosa praça de madeira, justamente considerada—nos programas—a mais linda e alegre do Norte.

Houve de tudo, para que uns não se ficassem a rir dos outros: maus touros, maus toureiros e mau público. Claro que, assim, o ramalhete não é de todo desconexo e está muito bem relacionado e proporcionado..

O nível artístico dos espectáculos foi inferioríssimo e ao longo de três fastidiosas quanto indesejáveis corridas—tal foi o número delas este ano—pouca coisa se pode apontar de bom ou que mereça nota favorável.

Funções insípidas, monótonas, arreliaadoras e, sobretudo, desequilibradas que apenas servirão para desacreditar de maneira concludente a tauromaquia aos olhos daquelas pessoas pouco habituadas a ver touros.

Sim, porque se a aficção no Norte é escassa e os conhecimentos não abundam, não é com «charlotadas» ou com «pseudo-funções» que ela é estimulada, e que se incute ao público menos conhecedor aquela dose mínima de noções basilares, que só o bom espectáculo, digno de tal nome, lhe pode proporcionar.

E sempre que, para corridas de touros, se comprem aos lavradores «bois de charrua», os efeitos obtidos nunca podem ser outros senão os que se verificaram esta temporada.

Consequentemente não devemos olvidar, que, se o trabalho dos diversos artistas resultou dum modo geral medíocre, a principal culpa é pertença dos animais com que eles se defrontaram no «albero» espinhense.

E assim: Dos cavaleiros que nos visitaram, a melhor nota vai sem favor para João Nuncio, não só pela sua honestidade profissional,

como também pela sua maneira clássica e autêntica de tourear a cavalo. Logo, colocaremos Rosa Rodrigues e Manuel Conde, fechando o cortejo com Simão da Veiga e Casimiro que estiveram por demais infelizes, para não dizermos outra coisa...

No que respeita a espadas tivemos tudo quanto há de melhor no lote dos desamparados da sorte, e para quem a Senhora dos Infelizes arranhou uns senhores piedosos e condoídos da desgraça alheia, como os organizadores de Espinho.

De todos, o que mais nos agradou foi Juan Zamora que demonstrou vontade de acertar, reportório variado e nos deu a impressão de toureiro fácil nos três tercios. Esteve, contudo, precipitado e com pouca noção dos novilhos que lhe tocaram em sorte.

Carlos Vera, Aguado de Castro e Moreno Reina, todos no mesmo degrau: dos primeiros a contar do fim. Os peões de brega passaram sem pena nem glória, salientando-se todavia, e como sempre, Júlio Procópio na brega dos touros de Nuncio.

Os forcados fizeram o que puderam e a mais não eram obrigados. Merecem o respeito e a consideração do público pelo empenho que mostraram em fazer melhor e pela boa vontade e boa cara com que levaram tanta «lenha».

Dos touros temos dito: uma miséria franciscana, com uma honrosa excepção para os do Dr. Norberto Pedroso. O seu curro ainda que acusando pouca casta, foi bravo e nobre. Os do snr. Sommer de Andrade possuíam casta, mas em compensação eram mansos perdidos e distraídos. Os do ganadeiro de S.to Estevão eram umas antipáticas vacas gordas e que, de vez em quando resolviam dar umas maradas...

Podé parecer paradoxal referirmo-nos «aos» do snr. Francisco dos Santos e depois tratá-los por vacas, mas estamos convencidos que eram na realidade vacas muito mal disfarçadas de touros.

E agora, meus estimados leitores, digam-me se no fim de isto tudo, não é de nos regosijarmos e felicitar mutuamente pelo «tempo bem perdido» e pela boa propaganda feita à Festa Brava, na praça de touros «mais alegre do Norte e que melhores comodidades oferece», situada, para mal dos nossos pecados, numa terra que de bom só tem «o clima ameno e aprazível»...

Paquito

## ALÉM-MAR ANGOLA

Impressões de Angola, essa portuguesa colónia cheia de encantos, de surpresas, de mistérios, onde tudo é grande e quase tudo é bom, quem me dera poder escrevê-las com a indispensável amplitude. Mau grado meu, só poderei dar ao leitor reduzidas notas do pouco que vi, do pouquíssimo que me foi dado apreciar. Notas desprezíveis, descoloridas decerto, mas, garanto-o, constituindo traduções fieis daquilo que os meus olhos maravilhados viram!

Angola! Palavra mágica que os metropolitanos tão desleixadamente pronunciam e tão indiferentemente ouvem! Que pena me faz ouvir certas frases improvisadas à cerca de uma terra tão bela, tão nossa, tão portuguesa. Sim, leitor amigo, Angola fez-se, melhor, está agora verdadeiramente a fazer-se, à custa de portugueses de rija tempera, com o seu dinheiro português, com a sua alma independente, patriótica e sacrificada.

O colono português é, na verdade, de espantosa energia, de rara dedicação, de tenacidade sem igual. Em Angola vive e sofre, sofre muito por vezes, pois, em muitos lados, faltam ainda recursos de toda a espécie. Todavia, vá para onde vá, para uma cidade já com comodidades, ou para o mais recôndito lugar do sertão, ei-lo, crente, teimoso, vencendo hoje uma febre, amanhã uma fera rompendo aqui uma estrada, através de mato bravo e perigoso, construindo ali uma escola, acolá uma missão, letrado ou inculto, forte ou fraco, são ou doente, mas sempre com os olhos postos na grandeza da sua querida colónia, tão rica, tão fecunda, tão grande que chegará para que todos tenham uma possibilidade, seja onde for, seja no que for! E a gente, que a viu, que a amou, que a sentiu, que suportou o seu calor forte e que gozou o repouso indescritível das suas noites estreladas (oh! as noites africanas!) não pode calar este encantamento, não pode olvidar que ali está o futuro de todos aqueles que na metrópole andam a vegetar e a morrer!

E, curiosa coisa: um metropolitano pode ser molengão, desleixado, inepto, incapaz ou covarde, aqui, mas, uma vez lá chegado, a metamorfose é radical e rápida. Esse homem, antes incapaz dum esforço ou de uma tentativa transfigura-se, cresce, vibra e passado pouco tempo sente-se capaz de lutar e, o que é consolador, de vencer!

Tudo isto me foi dado verificar no pouco tempo que andei por Angola. Sinceramente, pois, aconselho a todos aqueles que por aqui se sintam incapazes, ou descorajados, a irem até lá, para se fazerem homens e para combuirem com o seu esforço para o engrandecimento de uma terra maravilhosa que, na minha de-

Continua na pág. 2



## Comentários

Na abertura desta secção eu queria tratar um assunto tão leve como agradável e tão agradável como útil. Mas o certo é que não posso satisfazer todas as condições a que me obrigava. Há tempos já que uma ideia me atormenta na sua morosa evolução. E hoje, dia em que o seu desenvolvimento se completou, não podia nem devia aprisioná-la em meu cérebro, como se faz à ingenua avezita que nos seduz com gorjeios suaves.

E' natural que esta minha ideia não tenha semelhança alguma com o tal gorjeio da ave de que vos falei. Parece-me mesmo que em vez de analogia se vos oferecerá um forte contraste. A minha ideia, a tal ave de mau cérebro, em nada se parece com os rouxinóis ou mesmo com os melros. E' mais uma águia de bico adunco e fortes garras. Eis porque temo que não vos seja agradável, nem mesmo leve, como desejava. Mas se leve não é de si própria, farei o possível por tratá-la com leveza. Desculpem-me pois se a águia vos atormentar nos lances agressivos de seu vôo.

Quero crer que ainda há muita gente que, conhecendo o verdadeiro significado de «honra», faz por seguir uma norma de vida que possa tomar-se como harmónica dela. Mas quer-me parecer, também, que um grande número de pessoas desconhece tal significado e ainda um maior número o não segue depois de o conhecer, o que é ainda mais desolador. Honra, como sinónimo da expressão «dignidade própria» e esta de autoridade moral, não permite hipocrisias — o mesmo é dizer afectação de virtudes que não existem, nem fugas indignas àquele princípio que a sociedade nos impõe e a Moral nos aconselha, nem mesmo deformações, na actuação, do conceito de honestidade naqueles ramos de vida que os homens seguem como ganha-pão.

Homem honrado não quer dizer homem duma só palavra, conquanto isto teoricamente seja possível. Se «errare humanum est» não parece provável que um homem possa ter para tudo uma só resolução acertada. Por outro lado, é sabido que quanto mais se conhece mais dúvidas se tem e que cada descoberta implica uma infinidade de novos caminhos. Se assim é, o homem duma só palavra, na significação «honrosa» (?) com que muitos autovangloriam, não passa dum casmurro ignorante.

Em vez de nos tornarmos homens duma só palavra devemos antes duvidar da nossa própria opinião e discuti-la para que os erros se nos tornem evidentes. E uma vez conhecido o lapso que cometemos, não somos honrados se continuarmos a colaborar no mesmo erro. Julgo que esta observação parecerá desnecessária a muitos, mas o certo é que entre amigos que discutem eu tenho



## ONU...

Lemos algures:

«Se a paz se conseguisse à força de conferências, de chás, de cocktails, de copinhos de wodka ou champagne e outros comeretes e beberetes diplomáticos, reinaria já sobre a face da terra uma calmaria completa...»

Aos ilustres diplomatas e conspicuos estadistas, uma coisa lhes é necessária se deveras queiram a paz — é fecharem a torneira da eloquência, é, desculpem-me o plebeísmo, meterem no saco da prudência a viola dos seus discursos e encararem a sério o problema que têm diante dos olhos.

Houve quem chamasse à «ONU» o templo da paz. Templo?! Pode ser, mas, à maneira oriental, — um «Pagode Chinês».

Mas aquilo parece-se ainda, com extraordinária semelhança, com o famoso templo de Juno, que quando estava aberto, havia guerra, e quando estava fechado reinava a paz.

Chegar-se-ia assim à conclusão de que valia a pena expor-lhe por «utilidade pública...»

## Alarme...

Referia-se a «Defesa de Espinho» no seu número 864 à crise de habitação, apontando a louvável actividade do Governo da Nação no sentido de resolvê-la, e censurando a atitude da Comissão de Avaliações Prediais concelhia que, pelo exagero das avaliações que vem fazendo, obriga os capitalistas a «pôr de parte os seus projectos com receio de pesadas contribuições» e acabava pedindo fossem substituídos os membros dessa Comissão. Neste assunto, como em todos aqueles em que defende os interesses puramente da terra e não de uns tantos ou quantos indivíduos que nela alimentam e engordam a sua bolsa, tem a «Defesa» o nosso mais sincero apoio e o mais caloroso dos aplausos.

Há, porém, qualquer coisa que escapou ao articulista do semanário local e que vem causando nos proprietários o mesmo terror surdo que lhes inflige a citada Comissão: — a inexplicável demora a que tem de sujeitar-se todo aquele que envia requerimentos para obras à Secção Técnica da Câmara Municipal. Requerimento que entre naquela repartição é alma caída no Inferno. Torna-se necessário gastar solas em romarias constantes para o edifício camarário e constituir uma incomensurável reserva de paciência para as suportar

ouvido muitas vezes como fecho inglório de discussão esta frase ridícula: «Tu tens razão, mas eu quero continuar na minha...» — E' preciso descaramento!!!

Mário de Castro Correia

sem reagir violentamente. Sabemos de um projecto que esteve mais de quatro meses à espera de deferimento e muitos outros casos mais ou menos semelhantes nos têm chegado aos ouvidos. Aceitamos como boa a desculpa de que o engenheiro municipal anda preocupado com o abastecimento de águas a Espinho e outros serviços oficiais e particulares mas não compreendemos que se permita uma acumulação de cargos que redundam em prejuízo dos cidadãos e, o que é pior, do desenvolvimento da terra.

Assim, o proprietário, ao ver o seu projecto fixar residência na Secção Técnica e a Comissão de Avaliações ameaçar-lhe um aumento de impostos, ou desiste da construção ou expõe a «bilis» acumulada sobre o pobre do inquilino que paga tudo aquilo com língua de palmo.

## Comodismos...

Apesar do caso da revista «Voga» já ter ocupado bastante «espaço vital» do nosso jornal, não podemos deixar de comentar certo pormenor que tinha passado despercebido.

Após nova leitura da negregada reportagem verificamos o plágio dum artigo publicado no Boletim. Longe de nos espantar, dado que pelo «resto» tudo poderia acontecer, tratamos logo de preparar mais uma «mòcada» no granítico crâneo que teve a infelicidade de se fazer jornalista.

Entretanto, viemos a saber que o homenzinho não podia arcar com todas as culpas, porque, afinal e ao que parece, limitara-se a copiar determinada informação. O facto obriga-nos a lamentar que da parte informadora não tivesse havido o menor respeito pelos direitos dos outros, pois poderiam ter sido comodistas sem contudo serem desonestos, bastando para isso não esquecer o nome do «Boletim». Assim, antes de existir o plágio feito pela Voga, houve outro plágio que lhe deu origem.

E' certo que o plágio podia ficar na sombra e perder a importância que tomou, mas o jornalista, que sabe quanto lhe custa arrancar do calcáreo bestunto meia dúzia de frases, não o consentiu porque num assomo de originalidade, copiou linha por linha a informação que lhe deram.

Enfim, mais uma prova a atestar a categoria do jornalista da Voga.



## ESPINHO e a Defesa... da «Voga»

Continuado da pág. 1

mens, instituições rejam-se pelos mesmos princípios. Seja banida a Moral! Seja esmagada a Justiça! Olvidem-se os direitos do espírito! Viva a burguesia! Viva o reinado da pança, da bajulação, do comercialismo, do cinismo, da protéria, da ignorância, da má-fé! Ora, pois! Grande pagode na espécie humana! Voguemos, voguemos, num materialista mar de rosas, ao sabor da música dos casinos, dormindo como em «Palácios» enquanto El-Rei Dinheiro nos condecora pela nossa benéfica acção! Uma nova moda nos costumes — apregoemo-la! À maneira da «Voga». Voguemos! Voguemos! Sim. Porque, afinal, o que nos cumpre defender não é Espinho, a sua gente, os seus valores (em potência ou em acto), os seus direitos, a sua verdade, o seu carácter. Não. Nós não somos a Defesa de Espinho. Somos a defesa da «Voga», do seu procedimento, do seu primarismo, da sua culposa deformação das realidades, dos seus insultos, da sua imoralidade, da sua conduta revoltante. Nada de paixões por Espinho ou pela Verdade. Paixão, haja-a, sim, mas pelos anúncios a juncar uma folha parcial, rotineira, provincianíssima, talvez nacionalista, talvez não, talvez católica, talvez não, talvez regionalista, talvez não, certamente criada para servir... os próprios interesses e de quem nos cantar ao ouvido.

Ainda há parvos que não entendem isto? Uma pessoa estafasse a trabalhar e outros com ela, para fazer da pessoa alguém de importância. Ospois, quando a pessoa brilha e tem valia, um bicho atira-lhe ao rosto: — Se não fosse o António das Fichas que te deu dois fatos, serias hoje um varredor de ruas. — Oh! Descansemos beatificamente, façamos uma nova digestão! Para quê mecher a bilis? Gastemo-la a engulir o insulto.

Porque... baixinho, aqui à puridade, nós sabemos que Espinho já era nomeado nas «Farpas» do Ramalho, já era anunciado e propagandeado em revistas estrangeiras e em ruas e praças estrangeiras no fim do século XIX, que havia orquestras, batalhas de flores, divertimentos variados, frequência basta de nacionais e estrangeiros de ignorados, de intelectuais e de artistas, que em Espinho havia tudo isso e casas de jogos e casas de espectáculos e estabelecimentos de luxo, — enfim, que Espinho, ao tempo, antes do snr. Armando Crespo, já era alguém, com celebridades internacionais, etc... Nós sabemos isso e muito mais. Nós sabemos que ajetamos as coisas a nossa modo e ao de quem bem nos apraz. Pois, pois, pois.

Mas cá dos nossos arranjinhos e das nossas fantasias, das nossas deformações, da nossa ignorância e do nosso veneno, da nossa posição de escribas e do nosso oportunismo, vem algum mal ao Mundo, digam lá?

Pois, pois, pois, Ex.º.



# SOLCRIS

...é um store

**ARMAZEM DE MERCEARIAS**

Cereais — Toucinho  
Gorduras — Sabões

**Aires & Magalhães, L.da**

605 — RUA 22 — 609  
(Em frente aos novos Poços do Concelho)

Telefone 342  
**ESPINHO**

**Agrupamento Comercial e Industrial, L.da**

FÁBRICA DE ESPELHOS

BISELAGEM  
ESPELHAÇÃO  
FOSCAGEM  
Gravura artística  
em vidro



CRISTAL  
EM CHAPA

Vidro impresso  
em todas as cores

Telefone, 75

Telegramas: ACIL

FÁBRICA E ESCRITÓRIO: **OVAR** LARGO 1.º DE DEZEMBRO

**DUARTE & C.ª**

— Armazenistas de Merceria —

Rua 19 - **ESPINHO**

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

**Merceria Porto ESPINHO**

Alfaiades, 104 - Tel. 3771

— **GAIA** —

Rua Dezanone - Telef. 16

**SABOARIA ATLANTICA**

Rua 26 — **ESPINHO**

## Cadinha & Couto

Armazenistas de Merceria  
Azeite, Cereais, etc.

RUA DEZOITO  
Telefone, 52  
**ESPINHO**

**CASA SOUSA**  
PAPELARIA E LIVRARIA

J. Moreira de Sousa Júnior

Telefone, 99

Rua 19 N. 215 — **ESPINHO**

Carteiras, Porta-moedas,  
Pastas, Produtos de perfumaria — La Toja  
— Jogos, Novidades

ANTES E DEPOIS DO CINEMA VÁ AO

## SOL D'OIRO

PEGADO AO TEATRO S. PEDRO

**RUA OITO**

(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Cerpejaria, Café, Bar com  
secção de Pódega Regional

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS  
— CHÁS E CAFÉS —  
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

TELEFONE N.º 37  
APARTADO 37

## União Comercial de Espinho, L.ª

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACÇÃO E MOAGEM  
LICORES E XAROPES  
**UNIÃO**

Rua 19 — 409 a 421  
**ESPINHO**

## PADARIA PROGRESSO

DE

**Manuel Maria Valente**

**DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS**

Fabrico esmerado de todas  
— as qualidades de pão —

Telefone 6 - (PARAMOS)

**SILVALDE**

## PADARIA MECANICA

## A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»

ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

**ESPINHO**

**FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS**  
— VENDAS POR JUNTO —

**Baptista & Oliveiras**

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Milaneza» **SABOARIA DO BOLHÃO, L.da**  
Fábrica Portuguesa de Fermentos Holandeses, **L.da**  
**ADUBOS «S. A. P. E. C.»**

Tele { fone, 21  
gramas: **FARINHA**  
APARTADO, 5

Rua 62-**ESPINHO**

**PADARIA PRIMOROSA**

de - **AFONSO FERREIRA GAIO**

Pão de trigo e de milho — Especialidade em fabrico de pão de milho

— **ESMERO E ASSEIO** —

Rua 14. 833

**ESPINHO**

## Tipografia Progresso

Execução de trabalhos tipográficos em todos os géneros

**RUAS 11 E 20**

**ESPINHO**



# PELO DESPORTO

## ENTRADA EM CAMPO

### ESPERANÇA

O homem tem experiência de que a seguir à tempestade vem a bonança, às derrotas sucedem vitórias e do desânimo surge a esperança. É tudo uma questão de tempo. O que hoje parece irremediável e perdido, amanhã terá remédio e será salvo. A um período de crise sucede a harmonia, o equilíbrio. Na derrota presente está a futura vitória. Há que retemperar energias amachucadas, corrigir erros passados, buscar coragem e iluminar o trabalho difícil e árduo com a luz vivificante da esperança. Assim é na Vida e assim deve ser no Desporto. Nas lutas que sustentamos no campo desportivo, não devemos esquecer a mesma crença, a mesma esperança no futuro. Acreditemos com entusiasmo na acção do tempo. Não podemos parar, estagnar, entregues à descrença e ao desespero. Parar é morrer; se caímos levantemo-nos e continuemos, firmes e alegres, a luta.

Vêm estas considerações a propósito do revés sofrido pelo Voleibol da A. A. E. Classificada em penúltimo lugar, no campeonato regional, a equipa da Académica, cumprindo os regulamentos, teve de disputar o "jogo de passagem" e perdeu, baixando de Divisão. Assim, o clube que tanto trabalhou pela modalidade, sendo de sua iniciativa a fundação da Associação Regional, e que foi dos primeiros entre os "grandes" deste desporto, desceu de categoria, perdeu valor.

Culminou desta maneira, a decadência, a crise que o nosso grupo vinha atravessando de há três anos para cá. Será escusado esmiuçar as causas que contribuíram para a queda. Ficam a pertencer ao passado, e o que conta é o futuro. Conhecemos onde está o mal e o que importa é arranjar meios de o eliminar. Temos de descobrir e criar ê-ses meios. Não viremos costas à luta e guarde-se a lição. Da dor e do desespero de agora criemos uma vontade surda e forte que nos leve às glórias doutros tempos, ao triunfo. O caminho para lá, está cheio de dificuldades, de fraquezas, de incompreensão. Levantemos a face e de alma forte lutemos pelo futuro. Tenhamos esperança.

A. A.

## Campeonatos Nacionais DE PATINAGEM

Realizaram-se no rink do Sport Lisboa e Benfica nos passados dias 3, 4 e 5 de Outubro os Campeonatos Nacionais de Patinagem de 1948 a que concorreram representantes do clube proprietário do rink e da A. A. E.

O nosso representante, João Gonçalves, não foi feliz nas provas em que tomou parte.

Nos 500 metros classificou-se em 6.º lugar. Nos 1.500 metros deu uma aparatosa queda quando comandava a prova. Ainda correu mais duas voltas mas viu-se obrigado a desistir em virtude dos ferimentos recebidos. Esta prova foi ganha pelo atleta do Benfica Joaquim de Oliveira que estabeleceu novo record nacional. Aliás foram batidos quasi todos os records nacionais.

Nos 5.000 metros João Gonçalves desistiu na 20.ª volta.

Nos 1.000 metros ficou o nosso representante classificado em 7.º lugar.

Assistimos ao 2.º dia de provas e pudemos apreciar a actuação do nosso representante e compará-la à dos outros patinadores. Se é certo que João Gonçalves se ressentiu da queda do dia anterior, não é menos verdade que saltava à vista a falta de preparação do único representante do Norte.

Depois das provas falamos com um dos dirigentes do S. L. B. e soubemos que os seus patinadores se vinham preparando desde há dois meses enquanto que João Gonçalves começou a sua preparação no dia 26 de Setembro. É pois natural que este facto se viesse a repercutir nos resultados finais. Não sabemos a quem se deva pedir responsabilidades.

Impressionou-nos a extraordinária prova de Augusto Albino, o vencedor e o único atleta que terminou a prova dos 5.000 metros. Esta prova começou com sete concorrentes e quando o nosso representante desistiu ficaram três corredores a disputá-la.

Não queremos fechar estas ligeiras considerações sem frisarmos dois factos: o alto espirito desportivo do nosso patinador que mal preparado e ferido, fez tudo o que pôde para fazer boa figura e a maneira fidalga e

## Oquei em Patins

No primeiro domingo de Outubro deslocaram-se a S. João da Madeira as equipas de júniores e séniores da Ass. Académica para enfrentar, em jogos amigáveis, iguais categorias da A. D. Sanjoanense. Em ambas saíu a Académica vencedora, respectivamente por 4-3 e 9-1, tendo o primeiro grupo proporcionado uma boa exibição à farta assistência que cercava o Rink da A. D. S. A vitória em júniores foi mais difícil e devem-se aqui merecidos louvores aos jovens sanjoanenses que demonstraram muitas qualidades e boa vontade em acertar.

A Associação de Patinagem do Norte resolveu homenagear os seus seleccionados, oferecendo-lhes um banquete e condecorando-os com medalhas especiais. Entre os homenageados figuravam os nossos atletas Abel Santiago, João Gonçalves e Francisco Rezende que assim tiveram a recompensa das muitas desconsiderações de que foram vítimas nas mãos do ex-seleccionador dr. Oscar de Carvalho.

Ouvimos promessas solenes de não descansarem durante o defeso, treinar afincadamente, procurar conseguir, por todos os meios ao alcance, uma subida de poder técnico e tático que permitissem à nossa equipa conseguir melhor posição do que a que ocupa no oquei patinado nortenho. Ouvimos; mas tais promessas não têm sido mantidas. Até hoje, e já lá vai quasi um mês de defeso, não houve um único treino, por comodismo ou inércia. Se queremos progredir não se pode parar. Consiga-se um bom treinador e trabalhe-se incessantemente para que, dentro em pouco, possamos colher os frutos dessa actividade.

hospitaleira com que João Gonçalves foi tratado por dirigentes e atletas do Benfica. De assinalar a atitude da numerosa assistência que incitou e acarinhou sempre o nosso representante. A Ass. Académica de Espinho deve estar grata ao Sport Lisboa e Benfica.

Hernâni Barrosa

## O TÊNIS E ESPINHO

«... Confiamos no espirito empreendedor dos espinhenses para que, em 1949, possamos assistir aos "Grandes Torneios Internacionais de Espinho"»

Um mês de agradáveis férias na praia. Não pensamos em "raquetes". Mas eis que de repente surge, na nossa frente, uma agradável perspectiva, um parque de jogos com três bem tratados «courts». E embora afastados das lides tenísticas não resistimos ao convite para tomar parte num torneio particular. Pudemos, então, avaliar do interesse que já existe por tão belo e tão difícil desporto. E começamos a pensar... A França, Itália e para não ir tão longe, a nossa vizinha Espanha organizam, anualmente, nas suas melhores praias, torneios de carácter «internacional» que servem, ao mesmo tempo, para animar e para desenvolver o desporto. S. Sebastian, Santander, Vigo e outras praias têm sempre, na altura dos campeonatos, uma agitação ainda mais desusada que em outras reuniões.

Espinho tem todas as possibilidades de um bom êxito. Muito concorrida, perto de uma cidade onde o desporto é bem visto, veria, certamente, os seus esforços compensados.

Com a vinda de alguns estrangeiros — o que é relativamente fácil

de conseguir — organizar-se-iam «Os Grandes Torneios Internacionais de Espinho» que dariam uma categoria desportiva à vila que ela não desdenharia. A própria Camara poderia auxiliar semelhante empreendimento. E o comércio instituiria prémios. Mas o Casino, ainda com mais força, não se negaria a qualquer ajuda. E, infelizmente, até lucraria...

O parque de jogos tem todas as condições para ficar um dos melhores do País. E, em verdade, eles são muito raros. A boa orientação do architecto Jerónimo Reis porá tudo nos seus lugares. Uns «bungalows» (com o respectivo balneário, bar e demais dependências), umas bancadas, frente ao «court» principal, uns guarda-sol e várias mesas aqui e acolá, tornariam o desguardecido parque um dos atractivos de Espinho. Inscrevam-se na Federação e peçam uma data (talvez Agosto seja o melhor mês) para o Torneio. Confiamos no espirito empreendedor dos espinhenses para que, em 1949, possamos assistir aos «Grandes Torneios Internacionais de Espinho».

Luiz Baptista

## A Ass. A. de Espinho vai ser galardoada

pela iniciativa da fundação da Associação de Voleibol do Porto

Comemorando os seus oito anos de vida, a Ass. de Voleibol do Porto vai proceder à entrega de prémios e distinções aos clubes e indivíduos que deram corpo à iniciativa pessoal de Higinio Pires na fundação, organização e continuidade deste organismo regional. A' nossa colectividade foi atribuída uma placa em prata com estajo. Por sua vez, Higinio Pires receberá uma flâmula em ouro com Palma e Anjos Neves e Alberto Vita, flâmulas em prata.

Deste modo se presta justa homenagem aos pioneiros do voleibol nortenho, agora em excelente caminho.

## FUTEBOL

Iniciou-se há pouco o Campeonato Regional de Futebol que leva contadas três jornadas. Em todas elas o Sporting de Espinho teve exhibições de pouco mérito, especialmente em Lourosa e contra o Alba, deixando desiludidos os desportistas locais que de maneira nenhuma se convencem de ainda não terem criado ao clube uma situação que possibilite a realização dos seus sonhos.

Os jogadores de hoje, salvo raríssimas excepções, preocupam-se mais com as vantagens monetárias que podem auferir do futebol do que com o bom nome do clube cujas cores defendem. Isto não é defeito de Espinho ou dos seus atletas mas sim da orgânica do futebol nacional que se teima em manter sob o signo do «amadorismo» quando está de sobejo provado que ao «profissionalismo» no nosso País só falta a sanção oficial.

A massa associativa do Sporting, tão «calorosa» e «carinhosa» nas Assembleias Gerais, não tem proporcionado à colectividade possibilidades para «comprar» (palavra dura mas verdadeira) uma equipa que possa ombrear com as melhores do resto da Província. Promessas de auxílio pecuniário fazem-se às centenas mas não se cumprem na totalidade, e, senão, vejamos o recente exemplo de uma comissão angariadora de fundos que foi eleita em Assembleia Geral e se viu forçada a abandonar os seus propósitos porque aqueles que se haviam comprometido a pagar mensalmente uma cota, que eles mesmo fixaram, deixaram de o fazer. As receitas normais do clube não dão para cobrir as despesas com prémios de jogos, indemnizações por salários perdidos, e outras efectuações

## ATLETISMO

No dia 10 do mês que agora finda, efectuou-se no campo da Constituição um Torneio Popular de Atletismo em que participaram cerca de três centenas de jovens iniciados. A Ass. Académica inscreveu-se com 9 atletas mas, por diversas contrariedades só 4 dos inscritos participaram nas provas. Com o abandono por desistência (Adelino Costa — 4.º nas eliminatórias) e por eliminação (Sá Couto — 9.º) dos nossos concorrentes aos 700 metros, ficaram só dois elementos a contar para a classificação colectiva — Alberto Mário e João Mário — e tão bem se houveram que o clube, com os pontos conquistados pelos dois, conseguiu a quinta posição.

Alberto Mário foi o primeiro a entrar em actividade pois participou logo na primeira série das eliminatórias, classificando-se em 1.º lugar. Nos quartos de final, meia final e final alcançou sempre o 2.º lugar, merecendo absolutamente a posição obtida. O seu melhor tempo foi de 10,2 segundos. Os concorrentes ressentiram-se do piso que não é, de maneira alguma, aconselhável para atletismo.

João Mário no salto em comprimento obteve sucessivamente 4,94; 5,7; 5,22 e 5,60 metros, sendo esta marca superiorizada unicamente por um outro atleta que fez 5,70 metros. Os saltos do nosso concorrente foram prejudicados por más chamadas em que chegou a perder cerca de 20 centímetros. Não fora isso e, por certo, teria conquistado a primeira posição.

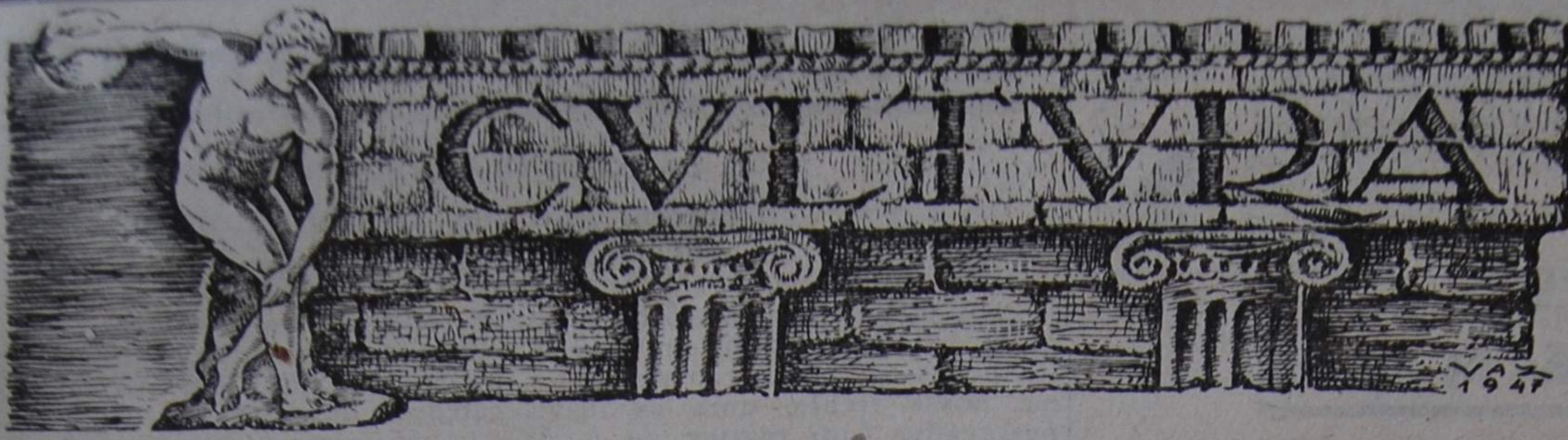
O mesmo atleta concorreu ao lançamento do disco, sendo o seu primeiro lançamento (25,40 metros) que lhe concedeu o 4.º lugar da tabela de classificação. Os restantes lançamentos saíram-lhe fracos, faltando-lhes a sorte concedida ao vencedor.

A organização foi em certa medida perfeita dentro das dificuldades enormes que provocava o elevado número de participantes. Devemos estar muito gratos aos «Amigos do Atletismo Portuense» pelo magnífico serviço prestado ao desporto desta região.

com os seus atletas. Resultado: os dirigentes vêm-se obrigados a recorrer à «prata da casa» que lhes sai mais barata sem, por isso, deixar de lhes causar sérias dores de cabeça; os atletas, sempre que não recebem o que pedem, desinteressam-se e a equipa apaga-se em confronto com outras que, no papel, têm menos valor.

Deixem-se, pois, de politiquices e questões inúteis mais ou menos pessoais e unam-se, em perfeita aliança, em volta da bandeira do clube. Façam-se cálculos sensatos e não se construam utopias. Só assim poderá o Sporting de Espinho viver daquele modo que todos desejamos e a que tem direito pelas suas magníficas tradições.





## A estatuária é clássica...

Conto de *Florentino Goulart Nogueira*

Para o meu Amigo J. de S.

Tinha uma serenidade clássica. Ruivo, de olhos esverdinhados, sardento, muito alto. Havia nele um certo ar desajeitado e um desajeitado andar, como se os pés lhe pesassem. Estava preso, agora. Não sabia dizer toda a amargura, que sentia, não bem amargura, mas desânimo, cansaço, uma dor revoltada, orgulhosa e... calada. Não. Não sabia dizer nem o queria. Aquilo era só dele. Depois, era ridículo... aquilo; tinha vergonha por aquilo. A sua dor era mais triste, porque não era uma dor poética, gloriosa, romântica: era uma das banais, prosaicas, das que a gente não conta, por pudor. Assim, ficava ele só mais a sua máguia, os seus pensamentos, os seus sonhos, numa distante, fria serenidade clássica.

Agora, estava preso. Há um mês que estava prisioneiro naquele casarão luminoso, belo, mas sereno, frio e distante como ele próprio era por fora. Saía ao domíngio um bocado. Ali, tinha, porém, sempre, a monotonia dos dias iguais, as aulas sonolentas, os salões parados, o rebanho, a regra e... mil limitações. Maldito internato! Malditos estudos! A família longe, a família que lhe queria bem e a quem tanto bem queria! Devia corresponder aos esforços e às aspirações dos seus pais, devia estudar; mas não lhe apetecia. Eles tinham-no ali preso, para bem dele; e ele sofria estando ali. Longe a família... Ah! que aborrecidos os longos dias áridos! Como havia de esmagar tal aborrecimento, de iludir o tempo erosivo, o tempo, o tempo? Divertir-se, emocionarse, actuar, fazer qualquer coisa, qualquer coisa fácil... Fumar, tomar café, ir ao cinema, passear, organizar umas festas, umas comezainas, umas "taininhas"... Mas dinheiro, dinheiro para tudo e sempre — onde?

Podia ir namorar... Tinha, contudo, certo acanhamento — seria acanhamento? — de ir declarar-se... Podia fazê-lo, se quisesse: bastava decidir-se. Namorar, namorar para quê? Ainda se gostasse de alguma... Ah! Se gostasse de alguma, sim! Só esse namoro suportaria, esse adora-lo-ia, até. Amar... Amor...

Amava ele a outra, aquela que estava dele separada, noutra terra? Amava-a? Ou gostava do seu corpo e apreciava os seus carinhos? Seria também, seria sobretudo isso que o punha triste,

numa tristeza serenamente clássica? Quem sabe lá! O certo, porém, é que ele vivia ali solitário e fechado. Amigos... Muitos. Vários. Qual deles, mas qual deles a quem se revelasse, abrisse o peito, contasse as máguas, aspirações, desânimos, ridicularias e mesquinhas? Quem o compreenderia? Quem olharia para ele, mais do que com simpatia, sentindo as mesmas penas, respeitando e dando às ridicularias o grande valor que elas tinham? Quem seria o amigo capaz de se identificar com ele, a ponto de se tornar mais do que irmão? Quem o estimaria até pelos seus defeitos e pelas coisas de que tinha vergonha?

Ah! Ninguém! Ninguém o entendia, nem supunha a sua dor e o seu drama!

Viam-lhe, apenas, a reguixa e nada para além desta. Chamavam-lhe o "não te rales", o "Fr. João Sem Cuidados"... Julgavam-no indiferente, duma indiferença total.

Criam-no incapaz dum gesto largo, definitivo, invulgar. Ele tinha uma serenidade clássica... Mas enganavam-se. Agora estava preso? Estava livre desde há momentos: Escapulara-se esta noite. E caminhava, pela vila abaixo, meditando em tudo isto e em outras coisas. Saudades, indecisões, medo, aventura... Talvez inda a vida mudasse... Que haveria para lá da morte? ...Os seus motivos valiam o suicídio? ...Se, porém, não se matasse, continuaria o mesmo, e para todos ficaria o clássico sereno, "Fr. João Sem Cuidados"...

E caminhava, pela vila abaixo. O mar toava-lhe nos ouvidos: búzio, melopeia, som envolvente, absorvente, mistério. A noite negra e velha, furada por estrelas. Fugiu às artérias concorridas, às ruas iluminadas. Escutou com amargura o bulício dos cafés e a música do Casino. Um estranho contentamento lhe veio desta amargura e desta infelicidade. Encostou-se a uma parede, fitou os olhos no céu hostil e mudo, conservou os olhos sem lágrimas. Um cão levantou uma perna a uma esquina e aliviou. O ruivo meteu a mão no bolso e achou lá uma flor seca. Era forte, forte, o cheiro da maresia. Entretanto, o ruivo sentiu-se incapaz do suicídio. Insurgiu-se no íntimo contra a cobardia, instinto vital, sei lá o quê prendendo-o contra a morte. Não mais prisões! Não mais prisões! Chegou à praia e

## HISTÓRIA

### Relance da História da HUNGRIA

Por *João de Albuquerque*

Terra entre a curva do Danúbio, o rio Save, os Alpes Nóricos e os Cárpatos. Habitaram-na os Dácios, os Celtas, os Iasigos... Conquistaram-na os Romanos, nela construindo a sua província da Panónia. Assolaram-na os Vândalos, os Ostrogodos, os Lombardos e os Avaros. Mas veio povoá-la, afinal, um povo originário do sudeste da Rússia. Os Hunos haviam-no arrastado em sua cavalgada vertiginosa, em seu declínio e em sua repulsão. Nos meados do século IX, o povo húngaro está na Ucrânia, mas, no fim do século, os Pechenegos empurram-no para a moderna Roménia Ocidental. Querendo resistir melhor aos inimigos, as tribus húngaras unem-se e aclamam um chefe comum, Arpade, chefe da tribo Megyer (890). Em 895, as tribus (desde então chamadas magiares) avançam para o ocidente sob o comando de Arpade, para a formosa terra da Hungria. E, assim, o oriente do Império Morávio de Esvatopluque e uns nacos de Império Germânico tornam-se casa de magiares (896-902). Primeiro, os húngaros deram-se a correrias

com seu passo arrastado, os pés ainda mais lhe pesavam na areia. Reflexos e segredos andavam à tona, no bojo ou no fundo do oceano. O ruivo foi para ele, decididamente, como quem toma um remédio amargo.

Entrou na água, atirou-se às ondas. Pôs-se entre a líquida serpente, como se deita fora uma coisa. Os membros, todavia, agitaram-se. Esbravejou. Golpeou as águas que o batiam. Houve uma breve luta atarantada; lutavam: o mar e a serenidade clássica do ruivo, a serenidade despertada para o tumulto harmonioso da vida. Dentro em pouco, algo se afirmou.

O ruivo esquecera que sabia nadar.

Saíu, enfim, do oceano. Encharcado, ridículo, trágico, vencido, ele caminhou praia acima, numa serenidade clássica, vila acima, numa serenidade clássica...

O meu Amigo voga e martiriza-se nesta existência, vêm-no com um "Fr. João Sem Cuidados"... Ele é... uma serenidade clássica

e ataques estereis pela Itália e pela Alemanha em lutas intestinas. Mas o chefe Geza (972-997) viu que outro caminho se impunha. Organizou o seu povo, tratou de o repassar da cultura ocidental e pediu missionários católicos, todo mergulhado no afã da ocidentalização que daria solidez à Hungria, todo afreimado em fugir à influência ortodoxa e escravizante do Império Bizantino. Converteu-se, pois, ao catolicismo e dedicou-se a uma intensa tarefa administrativa e política. Seguro da unidade da Hungria, deixou uma nação que se livre do paganismo e de ambiciosos príncipes. O Papa Silvestre II concedeu a coroa a Estêvão, filho de Geza, e ele foi o primeiro rei (1000-1038) da Hungria independente, um dos maiores que ela teve, governante sábio e justo, varão insigne que a Igreja canonizou. Ele foi o principal obreiro do caminho que conduziu uma nação oriental à órbita do ocidente, em contraste com a Roménia, de tradições tão romanas, ou com os povos sudetas, tão próximos da Itália, que tombaram fatalmente na órbita oriental.

Os próximos sucessores de S. Estêvão foram maus regedores. O Império Alemão pesou na Hungria com a sua influência, uma revolta pagã empobrecceu e devastou o povo, lutas entre irmãos por causa do trono ensanguentaram a nação, os costumes relaxaram-se — e aquele Estado glorioso declinou. S. Ladislau (1077-1095) e Colomano (1095-1116) ergueram-no, de novo; organizaram e pacificaram o seu povo, iniciaram importantes relações diplomáticas, alargaram as fronteiras húngaras, estenderam o seu domínio à Croácia e à Dalmácia, defenderam o Ocidente das avançadas orientais. Mais tarde, o Imperador de Bizâncio, Manuel, (1143-1180) apoderou-se da Dalmácia e a Hungria sofreu um temporário abatimento de ordem e de civilização. Mas o rei Bela III (1173-1196) restaurou-a, ligou a sua família às mais poderosas famílias reinantes da Europa, ganhou influência nos pequenos Estados eslavos dos Balcãs, fugitivos a Bizâncio, trouxe a cultura activa e brilhante das universidades e dos conventos ocidentais, protegeu as artes e as ciências, legislou, fomentou, desenvolveu. Foi, porém, sol de pouca duração. Os sucessores de Bela III não se mostraram tão hábeis. André II (1205-1235), então, foi desastrosos: esbanjador e sem tacto financeiro, viu agravar-se, apesar das boas intenções que o adornavam, a situação infeliz do seu povo. Entretanto, chegaram os Tártaros. Invadiram a Roménia e caíram sobre a nação húngara com um ímpeto de furor. Bela III (1235-1270) tentou resistir, mas foi vencido e os invasores esmagaram a terra magiar, devastaram-na e bordaram-na de sangue. A Hungria tinha perecido?

(CONTINUA)

Dentro em breve:

RELANCE DA HISTÓRIA DA FRANÇA



# O valor educativo da Matemática

Continuado da pág. 1

aquisição de ética e eficiência profissional.

Aceites estes objectivos primários, torna-se evidente que os processos educativos não-de dependem das directrizes culturais da época e variam com elas.

Sucede porém que a variação das concepções filosóficas e sociológicas e a evolução científica e técnica só com certo atraso vem influir nesses processos educativos, provocando um «esfasamento» nítido destes.

E, em nenhuma das matérias de estudo dos cursos médios, se nota menor influência dum atraso que na matemática, tantas vezes apresentada já como disciplina morta, ávida e maçadora.

Em outros tempos, a psicologia clínica admitia que o ensino visava essencialmente o «desenvolvimento do espírito em abstracto» obtendo-se por meios separados a educação dos sentidos, da imaginação e do raciocínio:

Então, a matemática era considerada como a matéria ideal para a educação do raciocínio, havendo por isso a preocupação dominante de a apresentar como estrutura formal perfeitamente ordenada e lógica. Era considerada a escola incomparável do raciocínio dedutivo.

Modernamente, pensa-se que a educação não se pode fazer por compartimentos estanques e que nenhuma disciplina tomada isoladamente pode garantir por si só o treino mental.

Por isso perdeu a matemática muito do seu prestígio de «ginástica mental», um tanto teórico e académico.

Para se poder de facto concluir pela necessidade da inclusão do estudo da matemática na educação moderna tem que analisar-se quais são os outros valores educativos que lhe são inerentes e até que ponto são eles importantes e essenciais para essa educação.

Passado por alto o valor científico da matemática, que a ninguém pode oferecer dúvidas, outros há a mencionar e destacar, como sejam os valores filosófico e estético e os valores propriamente educativos, directos e indirectos.

Citando David L. Smith, os valores filosóficos e estéticos da matemática ressaltam principalmente de que:

— Ela pertence àquele restrito conjunto de matérias que intimamente se relacionam com a quase totalidade dos conhecimentos humanos.

— Tem um alto valor como disciplina mental.

— É um dos caminhos por onde o homem é levado a sentir o «poder do pensamento».

— É uma das verdades externas e por isso pode produzir a elevação do espírito e tornar o homem consciente da sua posição no Universo.

— A história da matemática é a história da raça humana.

— Quanto aos valores educativos «directos», que já gozaram de só-

lida reputação, são hoje considerados como modestos, pois em boa verdade o que se estuda em matemática no ensino médio excede em muito aquilo que vem a ter qualquer utilidade na vida diária dos que não sejam técnicos ou professores.

Aliás o mesmo sucede com os valores educativos directos de todas as outras matérias de ensino com excepção feita ao estudo das línguas estrangeiras.

Tem que ser portanto nos valores indirectos que se há-de procurar a razão da permanência do estudo da matemática em qualquer plano de educação.

E de facto, estas são mais que suficientes para que se tenha de atribuir à matemática uma importância primordial no ensino.

Entre muitos que se podem citar, importam principalmente os seguintes, pela permanência e facilidade da sua transferência a todos os assuntos e questões:

— Hábitos de precisão nos enunciados e na sua interpretação.

— Poder de generalização, pela formação de ideias abstratas e gerais a partir do estudo de exemplos particulares.

— Aprendizagem e uso duma linguagem simbólica com carácter universal, de precisão inigualável e capaz de economizar tempo e esforço mental.

— Apresentação de matérias em forma completa e acabada.

— Capacidade para abranger uma situação, distinguindo a importância relativa dos diversos factores duma questão.

— Hábito de tirar conclusões certas, com simplicidade e clareza.

— Estímulo da capacidade própria de descoberta e do sentido de auto-crítica.

— Amor ao conhecimento desinteressado, culto da verdade e criação de senso estético.

Pelos valores expostos se pode ver claramente que de facto nenhuma outra matéria de ensino «pode» contribuir mais para a educação do indivíduo, do que a matemática.

Sómente é necessário verificarmos se esse estudo se faz ou não de maneira a colher dele os benefícios apontados.

Esse será o assunto do próximo artigo.

A. Nunes das Neves

## ERRATAS

Dentre as gralhas que, de vez em quando visitam o nosso jornal, queremos emendar as seguintes:

— no número de Agosto, no soneto de Dante e traduzido por Florentino, o 1.º verso da 2.ª quadra deve ler-se:

«E eu disse: Parte, vai-te ó sombra fria!»

— no número de Setembro, na crónica de Ubaldina da Silva Pais, na 4.ª coluna, a linha 36.ª da crónica deve ler-se:

«Um trilo benévolo canta».

## AVISO

No próximo número, Florentino Goulart Nogueira irá responder a certa posição contrária ou refractária às doutrinas filosóficas dos seus escritos neste jornal. Esse artigo intitular-se-á:

«Defesa de algum dogmatismo»

# Balada ao companheiro

## morto

la de branco, de branco,  
Cheio de serenidade,  
Postas as mãos no silêncio  
E o coração na verdade.

Partiu, a sorrir, de noite  
(Noite da vã atitude).  
Par'cia a flor da manhã,  
Dentro do seu ataúde.

A lua tinha um vestido  
De senhora abandonada.  
E as estrêlas eram fogos  
A cair de madrugada.

Só êle, rasgando as núvens  
Num alado canto ouvido,  
Entre Deus e entre a saudade,  
la de branco vestido

la de branco vestido,  
Numa íntima atitude.  
Par'cia a flor da manhã,  
Dentro do seu ataúde.

Vasco de Lima Couto

# ...Onde as pedras já não

## falam

Velha Casa!... Velha Casa!...  
Talvez das casas d'aldeia,  
Antigamente, a mais cheia  
De Amor, de Pão, de Alegria...  
— O' Casa de meus Avós,  
Quem te viu e quem te vê!... —

...Agora, — e não sei porquê! —  
De todas, a mais vazia!...

Velha Casa!... Velha Casa!...  
Antigamente, a mais bela  
Do lugar...; ou mesmo Aquela  
Das casas todas d'aldeia...  
— O' Velha Casa Paterna,  
Quem te viu e quem te vê!... —

...Agora, — e não sei porquê! —  
Entre todas a mais feia!

Velha Casa!... Velha Casa!...  
Talvez das casas vizinhas  
(Não digo das pobrezinhas)  
Fôsse a de aspecto mais nobre...  
— O' casa de meus Irmãos,  
Quem te viu e quem te vê!... —

...Agora, — e não sei porquê! —  
Entre todas, a mais pobre!

Velha Casa!... Velha Casa!...  
Onde as pedras tinham voz...  
(Quem mais falará de nós,  
Se um dia as pedras se calam?!...)  
— O' minha casa..., (ai! de mim!...)  
Quem te viu e quem te vê!... —

...Agora, — e não sei porquê! —  
Onde as pedras já não falam!

Eugénio de Paiva Freixo



# UM LIVRO NOVO

Por via da regra, não existem, na Literatura Portuguesa, movimentos ou doutrinas originais. Temos, apesar-d'isso, algumas obras que são diamantes de primeira água na joalheria das letras. E temos obras recheadas de ineditismo, de emoção, de humanidade, de primores. Nem só continentes terrestres nós descobrimos...

«Adolescente», de José Marmelo e Silva, é um livro novo a distinguir-se entre o aluvião de literatice decalcada, imitada servilmente, fabricada a frio e segundo moldes deliberados. «Adolescente» não obedece a receita. Anda agora muito em moda o popularismo, movimento preconizado em França em 1930, por Léon Lemonnier, mas cujas raízes mergulham em Ibsen e Bjorneson, nos alemães como Sudermann e Hauptmann, e nos italianos como Verga e Delledda, mesmo em alguns ingleses como Lawrence, e que, por fim, achou no chamado neo-realismo dos americanos (Steinbeck, Hemingway, etc.) um colaborador, um irmão, um movimento com origens idênticas. Esta tendência caracteriza-se pelo «comportamento» do indivíduo perante o meio, mas encaminhou-se, pouco a pouco, para um determinismo, mais exagerado que as conclusões de Taine, onde o ambiente conforma absolutamente a pessoa, onde só existem as coisas materiais ou onde as coisas espirituais são filhas das materiais, onde (*servindo-nos de Chesterton*) se reduz o homem a um animal e se protesta por o tratarem como um animal, onde o social abafa todo o resto e a economia seca as fontes da emoção, da beleza, da arte. Erraram os servidores incondicionais dessas doutrinas,

pois esqueceram que a realidade é mais complexa e mais vasta do que eles a supõem; e que também o homem é mais complexo e mais elevado do que eles o fazem. A vida não existe nas suas produções, porque eles restringem a vida e escamoteiam o princípio dela, invertendo os valores e mutilando a totalidade. Quando algo de vivo surge neles, é a violência suicida (fôrça da vida que se odeia) com que anulam a Vida e as suas razões autênticas, é o sacrilégio com que se servem da inteligência para amordaçar a inteligência, da vida com que fabricam instrumentos para destruir a vida.

Mas o homem, pequeno mundo, quintessência do mundo, obra prima da Criação, paira muito acima das imagens falsas que nos dêem da sua natureza. Ele tem uma vontade livre para escolher um caminho, mais ou menos erigido de obstáculos, nunca, todavia, superior a êsse livre-arbítrio. Por isso mesmo é que o homem é responsável.

Estamos, portanto, muito longe dos personagens neo-realistas, títeres do ambiente e, sobretudo ou exclusivamente, do ambiente económico. Estamos, portanto e ainda, muito longe do (caricatura de racismo?) odioso preconceito da casta, preconceito populista que nos aponta as classes inferiores como sacrificadas e boas e as gentes das classes superiores como opressoras e más.

José Marmelo e Silva soube fugir à corrente, aproveitando as virtudes, a justiça e as descobertas do Populismo e do Neo-Realismo. Esperamos que, em futuras obras, ainda mais vasto, mais profundo e mais revelador seja o panorama que o escritor nos dê do homem e do mundo.

Nuno Coutinho

## TEATRO

# A CRISE DO TEATRO

## II — O ACTOR

Também pertence à Arte a representação teatral. O actor é, pois, um artista. E todo o artista é um aristocrata: — não se apresenta artista um qualquer e os que se conseguem levantar àquela categoria, têm algo de inspirados e de divinizadores.

Apesar-d'isto, famílias há que ainda sofrem um preconceito enorme contra o Teatro e consideram os actores como gente inferior que existe, apenas, para divertir os outros. Por isso, homem que entre para o Teatro é, desprezivelmente, um «cómico»; e mulher que no Teatro ingresse é à parte e sômos quando não é mulher perdida.

Assim ficam perdidas algumas reais vocações e alguns subidos talentos que não se dedicam à vida teatral, pois tal não é digno de quem se preza.

Desta forma se diminue o campo das possibilidades teatrais

portuguesas e somos obrigados a contentar-nos com meia-dúzia de valores e remediar-nos com um enxame de habilidosos.

Mas outro problema nos surge também: O da consciência e do saber profissionais. Falhos de doutrinação e de estudo, certos dos nossos artistas deixam-se conduzir pela emoção desregrada ou pela facilidade tumultuosa. Com isso, o público não se educa nem se eleva, não é levado a pensar e a descobrir belezas, não penetra nos domínios da expressão, da sua riqueza e das suas descobertas, não se aperfeiçoa nem progride nem refina o gosto nem abrilhanta o espírito, mas resta sômente o passivo, estático e perpétuo espectador, em busca de emoções primárias e de divertimento soez, incapaz de penetrar na Beleza superior e de se apaixonar por ela.

Rogério Corte-Real

## Mêdo

Naquela esquina havia uma promessa.  
Mas sentiu-se tão frágil, a menina,  
que teve mêdo de virar a esquina.  
E mesmo não sabia andar depressa.

Era promessa, ou engano?  
Era coisa que valesse?  
Talvez que fosse um cigano  
ou um cão que lhe mordesse...

Medrosos passos, lentos e contados! ...  
E a menina  
foi só comprar rebuçados  
na velha loja da esquina.

Maria Manuela Couto Viana

(Do livro a sair "MENINA MANSÁ")

## Misantropo

António Ferreira Gaio

No casarão antigo estou só com as sombras.  
Fora, a noite anda em tudo e o vento a acompanha.  
O silêncio, cá dentro, olha as chamas e assombra-as.  
Elas tremem de susto... E há teias de aranha

Pelos cantos, nas dobras... Na grande cozinha  
Faz escuro e escuro e até na fogueira.  
Estou só mais a casa. Eu sou dela. Ela é minha  
E é dos outros que foram e a deixaram inteira.

Lá fora, o vento abana, arrasta, expulsa, canta  
As canções dum feliz ontem ao hoje triste.  
E abana dentro em mim que, embrulhado na manta,  
Olho as chamas sem ver, vendo o morto que existe.

Tive muita família. Já não tenho ninguém  
Andam todos na casa. Estou só mai-la casa.  
O inverno faz bem.  
A sombra estende, estende, agiganta a sua asa.

Florentino

## Violino Cigano

Cigano! Toca... obriga-me a sonhar...  
— Ai como eu sinto um frémito divino,  
Como extasiada oiço, em teu violino,  
Soluços de anjos... beijos de luar!...

Julgo que vou num berço de embalar,  
Que vogo num regato cristalino...  
— Sou uma bola de sabão, sem tino,  
Rolando, lentamente, pelo ar!...

Cigano tocador! Tange, maviosa,  
Sentidamente a tua melodia,  
Irmã da água pacífica dos lagos!...

Tira do cardo pétalas de rosas!  
Lança no espaço nuvens de harmonia!  
— Esmaga o som entre os teus dedos magos!...

Ema Simplicio